

A peste e o futebol de mulheres: a mídia brasileira e a gestão do futebol durante a pandemia da covid-19

Women's football and the plague: Brazilian mainstream media and football management during the covid-19 pandemic

Ana Laura Eckhardt de Lima

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil
Mestrado em Educação, FURG
analaura_eck@hotmail.com

Raquel Pereira Quadrado

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil
Doutorado em Educação em Ciências, FURG

Jorge Knijnik

Western Sydney University, Sydney, Austrália
Doutorado em Psicologia Social, USP

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar e discutir alguns impactos sofridos pelo futebol de mulheres no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, durante a suspensão dos campeonatos nacionais. Nossos dados foram produzidos no buscador do Google empregando o descritor “futebol feminino”, e os filtros “notícias” e “data”. Posteriormente, organizamos estes dados em categorias temáticas. Empregando o conceito de ‘acontecimento’ elaborado por Michel Foucault, observamos que a paralisação do futebol afetou muitas equipes, desencadeando crises financeiras as quais se potencializaram no futebol de mulheres em virtude de um persistente amadorismo de gestão, sobretudo no que diz respeito à gerência da verba repassada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) às equipes para mitigar os efeitos da crise. Na retomada das atividades, todavia, o futebol praticado por mulheres foi relegado ao segundo plano por sua entidade máxima, ficando, uma vez mais, à sombra do futebol masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol feminino; Sites de notícias; Pandemia da covid-19; Gestão do futebol brasileiro; Michel Foucault.

ABSTRACT: This article aims to investigate and discuss some impacts suffered by women's football in the context of the covid-19 pandemic in Brazil, during the period of suspension of national championships. Our data were produced in the Google search engine, employing the descriptor “women's football”, and the filters “news” and “date”. Subsequently, we organized these data into thematic categories. Employing the concept of 'event' elaborated by Michel Foucault, we observed that the football stoppage affected many teams, triggering financial crises which were exacerbated in women's football due to a persistent amateurism in management, especially regarding the supervision of the funds transferred by the Brazilian Football Federation (CBF) to the teams to mitigate the effects of the crisis. In the resumption of activities, however, football played by women was relegated to the background by its national body, once again being in the shadow of men's football.

KEYWORDS: Women's football; News websites; Covid-19 pandemic; Brazilian football management; Michel Foucault.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A estrutura do futebol praticado por mulheres na maioria dos países da América Latina ainda se encontra em desenvolvimento. Brenda Elsey¹ nos fornece um panorama das lutas recentes travadas em diversos países, pontuando a onda de protestos que tomou conta dos gramados latino-americanos nos últimos anos. Reivindicações que perpassam por acesso aos vestiários, obtenção de seguros médicos e prestação de contas sobre os investimentos realizados pelas federações com os fundos destinados ao desenvolvimento do esporte.² Como exemplo de subdesenvolvimento da modalidade, a autora destaca que, até 2016, diversas seleções de futebol de mulheres da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) estavam fora dos *rankings* da Federação Internacional de Futebol (FIFA), como Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai,³ evidenciando a falta de desenvolvimento da modalidade em países latino-americanos.

Falaremos, no entanto, do Brasil. A despeito dos anos 40 anos de proibição,⁴ do longo descaso dos clubes, das federações e das confederações de futebol, e da deliberada falta de visibilidade, talvez possamos afirmar que vivemos hoje um dos melhores momentos para o futebol praticado por mulheres no país, dos últimos anos. Organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) desde 2013, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, ou ainda Brasileirão Feminino, é a principal competição de futebol de mulheres do país. A partir de 2017, o campeonato passou a contar com duas divisões (Série A1 e A2), cada uma com 16 equipes. Em 2019, a CBF ampliou a Série A2 para 36 equipes. No ano de 2021, a competição passou por novas mudanças, ganhando mais uma divisão (Série A3), com 32 equipes. Para tanto, nessa mesma edição a Série A2 foi reduzida de 36 para 16 equipes. Isso significa que

¹ ELSEY. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos": as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina, p. 40-41.

² ELSEY. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", p. 41.

³ ELSEY. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", p. 42.

⁴ Entre os anos de 1941 e 1979 as mulheres foram proibidas de praticar diversas modalidades esportivas consideradas incompatíveis com a "natureza feminina", entre elas o futebol. Sobre isso, abordaremos um pouco mais no tópico "Da paralisação às crises: o futebol de mulheres na pandemia".

há pelo menos 64 equipes de futebol de mulheres ativas no Brasil disputando competições oficiais, além das equipes que competem apenas nos campeonatos estaduais organizados pelas federações de cada estado.

A CBF também organiza, desde 2022, a Supercopa do Brasil de Futebol Feminino. Essa competição foi criada com o objetivo de ampliar o calendário de jogos do futebol de mulheres, servindo, também, como preparação para o início da temporada. Participam da Supercopa 8 equipes que se enfrentam no sistema de disputa “mata-mata”, ou seja, um confronto entre duas equipes em jogo único, no qual a equipe derrotada é eliminada e a equipe vencedora avança para a próxima fase e assim sucessivamente, até a final. Na edição desse ano, além de taças e medalhas, a competição contou com premiação em dinheiro para a equipe campeã (R\$ 500 mil) e para a equipe vice-campeã (R\$ 300 mil).

Houve avanços, também, no que tange a transmissão dos jogos. Na edição de 2021 do Brasileirão Feminino, as partidas foram transmitidas tanto em canal aberto (Band TV) quanto em canal por assinatura (SporTV) e *streaming* (Canal Desimpedidos do YouTube; Aplicativo TikTok; Plataforma MyCujoo/CBF).⁵ Em 2022, a CBF e o Grupo Globo firmaram um acordo para a transmissão das principais competições do futebol de mulheres: o Brasileirão, a Supercopa do Brasil e os amistosos da Seleção Brasileira até a disputa da Copa do Mundo FIFA 2023.⁶ Essas competições são exibidas tanto em canal aberto (TV Globo) quanto no canal por assinatura (SporTV) da emissora. Ainda em 2022, o Grupo Globo adquiriu os direitos de transmissão de todos os jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo FIFA 2023, que acontecerá entre os dias 20 de julho e 20 de agosto na Austrália e Nova Zelândia.⁷

Falando em Copa do Mundo, é inegável a contribuição que a edição do torneio realizada na França, em 2019, teve para a ascensão do futebol praticado por mulheres no Brasil. De acordo com Silvana Goellner,⁸ este foi um ano ímpar para o futebol

⁵ A CBF possuía uma parceria com a plataforma de *streaming* MyCujoo para a transmissão de jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Série A1 e Série A2, assim como dos campeonatos de base do futebol masculino. Estes jogos podem ser assistidos tanto pela plataforma da MyCujoo, quanto pelo site da CBF.

⁶ CBF e Grupo Globo anunciam acordo para transmissões do futebol feminino e base masculina, *CBF*, 28 jan. 2022.

⁷ Tem Copa de novo em 2023! Seleção feminina busca novo patamar a partir de 20 de julho, *GE*, 19 dez. 2022.

⁸ GOELLNER. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios, s./p.

brasileiro. Com uma atenção midiática até então pouco vista em veículos tradicionais e alternativos, a presença das mulheres foi anunciada, registrada e divulgada. Assistimos aos jogos, ouvimos comentários e, também, visualizamos mulheres atuando nas mais diversas ocupações dentro do universo cultural do futebol: comentaristas, árbitras, narradoras, jornalistas, treinadoras, torcedoras, entre outras.⁹

A transmissão ao vivo dos jogos da Seleção Brasileira em emissoras de canal aberto foi outro marco para o futebol brasileiro. Com uma audiência que bateu recordes, segundo estudo divulgado pela FIFA e publicado pelo site Glosesporte.com, o Brasil foi o país que apresentou maior crescimento em níveis absolutos durante a competição, com 81 milhões de pessoas a mais assistindo aos jogos nesta edição em comparação com o torneio de 2015. Ainda segundo a FIFA, a Copa do Mundo da França foi a mais vista da história, com 1,12 bilhão de pessoas acompanhando as partidas por todo o mundo.¹⁰

Observamos, assim, que a partir da repercussão do torneio mundial no Brasil houve um fortalecimento de ações em prol do futebol praticado por mulheres, sobretudo partindo de sua entidade máxima. Além da ampliação de campeonatos, criação de novas competições e acordos para a transmissão de jogos, também podemos citar como avanço a inserção de mulheres em postos de comando do futebol brasileiro. Ainda em 2019, após a Copa do Mundo, a CBF anunciou a sueca Pia Sundhage como treinadora da seleção brasileira. Já em 2020, as ex-jogadoras Aline Pellegrino e Duda Luizelli assumiram, respectivamente, a coordenação de competições femininas e a coordenação das seleções brasileiras femininas. No ano de 2022, a CBF realizou novas mudanças nos cargos de comando, afastando Duda Luizelli e anunciando Aline Pellegrino para a função de coordenadora das seleções femininas.¹¹ Posteriormente, foram apresentados Ana Lorena Marche para o cargo de supervisora das seleções femininas e Amauri Nascimento para o cargo de supervisor de competições femininas, ambos com destacados trabalhos em cargos de gestão do futebol de mulheres.¹²

⁹ GOELLNER. Futebol de mulheres, s./p.

¹⁰ Com mais de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história, *GE*, 12 maio 2021.

¹¹ Aline Pellegrino assume a Coordenação das Seleções Brasileiras Femininas, *CBF*, 13 jan. 2022.

¹² Aline Pellegrino apresenta reforços para o futebol feminino da CBF, *CBF*, 1º jan. 2022.

Mas não foi apenas no Brasil que a repercussão da Copa do Mundo promoveu avanços. Ainda em 2019, o Conselho da Federação Internacional de Futebol (FIFA) aprovou a ampliação do número de seleções participantes do torneio a partir da edição desse ano de 2023, passando de 24 para 32 equipes (assim como no torneio de futebol de homens). Na oportunidade, Gianni Infantino, presidente da entidade, comentou que o surpreendente sucesso da Copa do Mundo na França deixou claro que é hora de manter o ritmo da modalidade.¹³ Desde então, a edição do torneio que será realizado na Austrália e Nova Zelândia esse ano tem ganhado visibilidades e criado expectativas, sendo considerado destaque no mundo do futebol em 2023.¹⁴

Temos que dizer, no entanto, que os últimos anos não foram marcados somente por avanços no futebol praticado por mulheres, mas foram também atravessados por períodos de medo, incertezas e, às vezes, desamparo. Isso porque pouco menos de um ano após a euforia do mundial de 2019, quando nossas seleções voltavam para casa e nossas atletas regressavam as suas equipes para continuar o trabalho de preparação para outras competições, fomos surpreendidos/as com a irrupção de uma pandemia. Diante da crise sanitária que se instaurara por todo o mundo e que logo mostrou sua face econômica e política, surgiu a preocupação com a continuidade desse trabalho, uma vez que tais crises geralmente afetam o futebol como um todo, mas tendem a se intensificar quando se trata de um grupo historicamente marginalizado pelos holofotes do esporte, como as mulheres.

Depois de alguns meses, já era possível acompanhar algumas notícias sobre as implicações que a pandemia da covid-19 vinha causando no futebol praticado por mulheres no Brasil. Suspensão dos campeonatos, crises financeiras e, até mesmo, desvio de verba destinada à folha de pagamento das atletas foram algumas das manchetes que tomaram conta dos sites de notícias. O que seria do “futebol feminino” no pós-pandemia? Como os clubes e federações lidariam com o futebol praticado por mulheres? Seria possível regressarmos às sombras diante de tamanhas conquistas, sobretudo impulsionadas pela Copa do Mundo de 2019?

¹³ Copa do Mundo feminina terá 32 seleções a partir de 2023, *Gazeta Esportiva*, 1º ago. 2019.

¹⁴ Copa do Mundo feminina É destaque do futebol em 2023; veja calendário completo. *CNN Brasil*, 1º jan. 2023.

Nesse sentido, compreendendo a importância de acompanhar os diversos movimentos que foram ocorrendo no esporte ao longo da crise sanitária provocada pela covid-19, e considerando as mídias como espaços privilegiados para a produção e divulgação de informações sobre essa temática, analisamos e discutimos alguns impactos sofridos pelo futebol de mulheres no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, a partir de publicações em sites de notícias, durante o período de suspensão dos campeonatos nacionais.¹⁵

Desse modo, este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: inicialmente, realizamos algumas considerações a respeito da crise sanitária mundial provocada pela pandemia da covid-19 em articulação com o conceito foucaultiano de acontecimento; na sequência apresentamos nossas decisões metodológicas; no tópico seguinte, analisamos algumas das implicações provocadas pela pandemia para o futebol de mulheres, sobretudo no que diz respeito às competições nacionais; por fim, traçamos algumas considerações sobre nossa investigação.

É CHEGADO UM TEMPO DE PESTE...

Durante o auge da pandemia, o Brasil acumulou uma quantidade inédita de óbitos e contaminações por covid-19, “empilhou” corpos e chorou a morte de centenas de milhares de pessoas que perderam suas vidas na maior crise sanitária dos últimos anos. Crise, essa, também econômica, política, social e humanitária. Mas, como bem pontua Boaventura de Souza Santos,¹⁶ “[...] a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita”, uma vez que o isolamento social, assim como as medidas de higiene e limpeza recomendadas pelos órgãos de saúde para contenção do vírus não eram acessíveis a toda população mundial.

Mas será que estávamos, todos e todas, no mesmo barco? Segundo Judith Butler,¹⁷ poderíamos dizer que o vírus não discrimina; ele nos trata por igual, nos coloca igualmente no risco de adoecer, de perder alguém próximo e de viver em constante

¹⁵ Os dados apresentados neste artigo são um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande.

¹⁶ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 6.

¹⁷ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 60.

ameaça. Assim, ele mostra que a comunidade humana é igualmente frágil. Para a autora, no entanto, a incapacidade de estados e regiões em se prepararem com antecedência, o recrudescimento de políticas nacionais, assim como o fechamento de fronteiras acompanhado de um racismo temeroso, e a chegada de um empresariado ávido para capitalizar o sofrimento global, testemunham como a desigualdade radical encontrou maneiras de reproduzir e fortalecer seus poderes em territórios pandêmicos.

Desse modo, é esta desigualdade, social e econômica, que assegura que o vírus discrimine, uma vez que, por si só o vírus não discrimina, mas as pessoas o fazem, modeladas como são pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo.¹⁸ A partir disso, nos afastamos do entendimento que se tentou propagar nos primeiros meses de pandemia de que “estamos todos/as no mesmo barco”, isto é, de que a vivência da pandemia é igual para todas as pessoas. Compreendemos, assim, que as interseccionalidades entre gêneros, raças/etnias, classes sociais, sexualidades, espaços geográficos, gerações, etc. acarretaram experiências únicas para cada sujeito, embora aproximações entre pessoas de um determinado grupo ou de grupos que possuam certos aspectos comuns, possam ser possíveis.

Nesse sentido, o modo como os Estados se portaram diante da pandemia da covid-19 interferiu diretamente nas políticas de condução das crises, ao passo que provocou efeitos diversos na vida do seu povo. Para Santos,¹⁹ os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal falharam mais do que outros governos no combate a pandemia:

Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento.²⁰

Como exemplo desse tipo de conduta, Santos menciona a Inglaterra, os EUA, o Brasil, a Índia, as Filipinas e a Tailândia. Em alguns desses países, observamos, com

¹⁸ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 62.

¹⁹ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 26.

²⁰ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 26.

o passar do tempo, uma mudança de postura, seja pela escalada da pandemia, como no caso da Inglaterra, seja pela troca de governo, como nos Estados Unidos. Dos países ocidentais, no entanto, o Brasil seguiu com sua política de morte, conduzida por meio de uma estratégia institucional de disseminação da covid-19 em prol da economia.²¹ Desse modo, vidas foram consideradas como descartáveis pela frieza de um Estado genocida, governado por políticos que banalizam vidas e mortes ao produzirem discursos que deslegitimam preocupações com a doença, esvaindo-se de compaixão e da responsabilidade com suas funções, ao passo que desarticulam e enfraquecem medidas efetivas de contenção da pandemia.²²

Pôs-se, assim, milhares de famílias brasileiras em luto. Como descrevem Tiago Sales e Lúcia Estevinho: “Luto por entre negligências, ‘e daí’ e insensibilidades. Luto permeado por egoísmos e falta de sensibilidade em relação à vida e morte do outro. Luto coletivo e extremamente solitário, construído na ausência de abraços físicos e limitados encontros presenciais [...]”.²³ Em meio ao luto e aos rituais fúnebres, o silêncio foi ensurdecedor: “o silêncio da negligência em relação à situação epidemiológica brasileira que consiste em um extermínio, uma carnificina, um genocídio gigantesco”.²⁴ Que consistiu, ainda, no acionamento de tecnologias de poder que visam a produção da morte para uns/umas, ao passo da afirmação da vida para outros/as e, desse modo, se propõe garantir a sobrevivência daqueles/as socialmente mais valorizados/as, aptos/as e necessários/as para a economia, na medida em que se limita a esquecer ou negligenciar os/as socialmente desvalorizados/as.²⁵

Butler²⁶ anunciava a probabilidade de testemunharmos o doloroso cenário em que alguns/mas afirmariam o seu direito de viver às custas de outros/as, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas que deverão ser a todo custo protegidas da morte e vidas que não valem a pena serem protegidas. Isto é, vidas que importam

²¹ FERREIRA; ROSA; FARIAS; VALENTIM; HERZOG. Boletim nº 10: direitos na pandemia – mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil, p. 6.

²² SALES; ESTEVINHO. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga, p. 282.

²³ SALES; ESTEVINHO. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos, p. 281.

²⁴ SALES; ESTEVINHO. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos, p. 287.

²⁵ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 27.

²⁶ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 62.

(dos/as jovens, dos/as ricos/as, dos/as brancos/as) e vidas que não importam (idosos/as, negros/as, pobres, doentes, povos originários). Afirmção dos grupos que estão no centro do capitalismo e eliminação dos grupos que estão à margem. Afinal, a economia não pode parar, uma vez que morte é considerada apenas efeito colateral do seu bom funcionamento.²⁷

Nessa perspectiva, compreendemos que a pandemia provocada pela covid-19 produziu efeitos distintos e complexos que reverberam em nossa vida política, social e econômica, para além da nossa saúde. A vida é política, assim como a morte é política. (Sobre)Viver e ter nossos direitos assegurados independentemente da raça/etnia, da classe, do sexo, do gênero, também é uma questão política. Desse modo, nos apoiando nos estudos foucaultianos, compreendemos que a pandemia foi um acontecimento, no sentido atribuído por Michel Foucault de irrupção de uma singularidade histórica.

Conforme Judith Revel,²⁸ Foucault se afasta do entendimento de *acontecimento* como mera descrição dos fatos e busca reconstruir por meio desses fatos toda uma rede de discursos, poderes, estratégias e práticas, visando distinguir os acontecimentos a partir das diferentes redes e níveis aos quais pertencem e reconstituir os fios que os ligam e fazem com que se engendrem uns a partir dos outros.²⁹ Como explica o autor: “Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos”.³⁰

Nesse sentido, a pandemia tanto é um *acontecimento* por irromper como uma singularidade histórica (em nosso tempo não vimos algo semelhante), ao passo que é uma condição de possibilidade para irrupção de outros acontecimentos, os quais produzem efeitos nas mais diversas esferas da vida. Talvez poderíamos afirmar, ainda, que são as redes de práticas, estratégias e poderes que se engendram a partir dos acontecimentos, as quais permitem que em cada indivíduo reverberem diferentes efeitos desse momento histórico mundial que vivemos. Ao mesmo tempo, são

²⁷ SAFATLE. Bem-vindo ao Estado suicidário, s./p.

²⁸ REVEL. *Michel Foucault: conceitos essenciais*, p. 13.

²⁹ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.

³⁰ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.

estas singularidades históricas condições de possibilidade para se instaurar regularidades históricas, isto é, modos de ser e estar no mundo que permaneceram no pós-pandemia até a irrupção de novos acontecimentos.

A partir dessa compressão, no tópico seguinte, apresentamos os caminhos metodológicos que percorremos para o desenvolvimento da nossa pesquisa e construção desse artigo. Na sequência, traçamos nossas análises lançando olhares para alguns impactos do acontecimento pandemia da covid-19 no futebol praticado por mulheres.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Os dados e as análises apresentadas neste artigo compõem uma pesquisa de mestrado que tomou os sites de notícias como local de produção de dados. Nossa primeira decisão de método compreendeu a escolha dos descritores a partir dos quais realizamos as buscas na internet. Optamos por produzir nosso levantamento a partir do descritor “futebol feminino”, por entender que as relações possíveis entre as mulheres e o futebol são (re)produzidas nas mídias por meio deste termo, com o intuito de distinguir o futebol praticado por mulheres do futebol praticado por homens.

A partir desta decisão, lançamos o termo “futebol feminino” na aba do Google e aplicamos o primeiro filtro, direcionando os resultados para as notícias, as quais constituíram o nosso interesse de pesquisa. Diante do grande volume de notícias com o qual nos deparamos, recorremos às ferramentas do Google para aplicar novos filtros e personalizar um intervalo mensal para as buscas. Importante salientar que esse levantamento foi produzido ao longo dos anos de 2020 e 2021. O período investigado foi de fevereiro a dezembro de 2020, tomando como referência o primeiro caso confirmado da covid-19 pelo Ministério da Saúde no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, e a finalização do principal campeonato da modalidade (Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A1). Como forma de registo, criamos uma planilha no Excel com as seguintes informações: data da pesquisa no Google, data da notícia, título da notícia, site em que foi publicada e link de acesso.

Das 1.976 notícias sobre “futebol feminino” que constam em nosso levantamento inicial, 500 delas foram excluídas por se tratarem de notícias internacionais, notícias em vídeos e *podcasts* e notícias disponíveis apenas para assinantes, além

daquelas em que a URL não estava mais disponível e aquelas em que o futebol de mulheres era apenas citado como pano de fundo para outro assunto. Assim, constituíram nosso interesse de pesquisa as notícias que falavam sobre o futebol praticado por mulheres no Brasil, divulgadas em formato escrito e de acesso livre. Desse modo, das 1.476 notícias restantes emergiram 12 eixos de análise a partir de agrupamentos realizados conforme a afinidade dos títulos das notícias. Devido ao grande volume de material empírico, optamos por dedicar nosso recorte analítico ao eixo 5, intitulado “Acontecimento pandemia da covid-19”. Essa decisão se ancora na compreensão de que a pandemia é um acontecimento em sentido foucaultiano, como discutido no tópico anterior, e, também, por esse eixo ser o segundo com o maior número de notícias, 368 no total.

Em virtude da quantidade de notícias e da diversidade de assuntos que compõem esse eixo, procedemos uma nova categorização temática com base nos títulos das notícias, da qual emergiram 8 categorias de análise. Desse modo, esse artigo foi produzido a partir de um recorte de dados das categorias: 1) Paralisação no futebol e suspensão dos campeonatos; 2) Organização dos clubes na quarentena; 3) Gestão dos clubes frente à covid-19; 4) Ações e iniciativas das federações e confederações de futebol; 5) Retorno do futebol e retomada dos campeonatos; e, 6) Testagens e casos de infecção por covid-19 no “futebol feminino”.

As análises que se seguem não visam, no entanto, esgotar o tema, assim como não pretendem dar conta da totalidade de notícias que circularam, no período em questão, nesta rede fluida que é a internet. Buscamos, desse modo, contribuir com a problematização em torno do futebol de mulheres, sobretudo em tempos pandêmicos, esperando que essa “escrita funcione como uma flecha, que um pensador atira, assim como no vazio, para que outro a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua, agora em outra direção”, como propõe Sandra Corazza.³¹ Nos encaminhamos, assim, para análise dos dados, que apresentamos no tópico seguinte.

³¹ CORAZZA. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos, p. 2.

DA PARALISAÇÃO ÀS CRISES: O FUTEBOL DE MULHERES NA PANDEMIA

Jogos com portões fechados e partidas adiadas... assim se iniciou mais uma crise no futebol brasileiro, culminando na suspensão dos campeonatos nacionais por tempo indeterminado com o intuito de frear a disseminação da covid-19. Essa, no entanto, não foi a primeira vez que a bola parou de rolar pelos campos do sul global. Na América Latina, outros acontecimentos³² produziram efeitos na história do futebol, como recorda uma pesquisa desenvolvida pelo Centro de Referências do Futebol Brasileiro, do Museu do Futebol, e noticiada pelo site Gazeta Esportiva em 26 de março de 2020.³³

Dentre os efeitos destes *acontecimentos* relatados na reportagem, salientamos a paralisação dos campeonatos estaduais brasileiros decorrente da gripe espanhola, em 1918. O campeonato carioca foi suspenso por 56 dias. Mesmo com o Fluminense campeão, não houve comemorações. Uma das vítimas fatais da epidemia foi o atacante da equipe, Archibald French, como menciona a pesquisa anterior. Já o campeonato paulista foi interrompido minutos antes do início das partidas, quando agentes sanitários impediram a realização dos jogos como estratégia para evitar as aglomerações que facilitavam o contágio. Além disso, clubes transformaram suas sedes em hospitais para atender vítimas da epidemia. Houve suspensão de jogos, também, no campeonato pernambucano e adiamento da primeira edição do campeonato gaúcho.

A maior paralisação, entretanto, foi no futebol praticado por mulheres. Ao contrário das interrupções anteriores envolvendo a prática dos homens, no Brasil, às mulheres foi proibido jogar futebol por quase 40 anos, entre 1941 e 1979. Tal proibição, entretanto, não teve respaldo em guerras, conflitos ou epidemias, mas no entendimento da época de que o futebol não era uma prática condizente com a biologia feminina, pois “o corpo das mulheres era visto como um bem estar social a alojar a esperança de uma prole sadia. Eram em seus corpos que se gestava o bom fruto [...]”, como pontuam Silvana Goellner e Cláudia Kessler,³⁴ isto é, se gestava os/as filhos/as da nação. Segundo as autoras, o fruto era resultado de um projeto

³² FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.

³³ Quando a bola parou de rolar: Museu do Futebol elenca principais interrupções de campeonatos, *Gazeta Esportiva*, 26 mar. 2020.

³⁴ GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade, p. 35.

social que inscrevia, nos corpos femininos, marcas que evidenciavam seu fortalecimento e fragilidade, com o intuito de demarcar o seu lugar social a partir da natureza anatômica, destinando-as à maternidade.³⁵

O sucesso e as conquistas das mulheres no futebol, desse modo, poderiam infringir as “leis da natureza”, uma vez que, mostrando-se mais fortes do que se julgava e borrando as fronteiras de gênero,³⁶ os discursos das diferenças naturais, apoiados na sobrepujança física de um sexo sobre o outro, seriam desestabilizados.³⁷ No entanto, ainda que a proibição tenha sido revogada em 1979, a modalidade foi regulamentada pela CBF apenas em 1983, deixando as mulheres em um limbo entre a liberação e a não regulamentação por mais 4 anos, como afirma Nathália Fernandes.³⁸ Além disso, somente em 1981 a FIFA demonstrou interesse em gerenciar o futebol de mulheres mundial, por medo de que este acabasse ficando sob domínio de empresas e iniciativas particulares, e levando em consideração a pressão em favor da inclusão das mulheres em diversos âmbitos da sociedade.³⁹

Este breve apanhado histórico nos fornece elementos para pensar o cenário atual do jovem futebol de mulheres no Brasil, o qual passou a receber maiores projeções a partir de 2019. Entretanto, um traço é persistente: o amadorismo, principalmente na gestão dos clubes, e que se torna ainda mais evidente em tempos de crise. É isso que destaca uma reportagem do GE, publicada no dia 14 de maio de 2020 (Figura 1).

Escrita por Ana Canhedo e Maurício Oliveira,⁴⁰ a notícia lança luz para este amadorismo no futebol de mulheres escancarado pela pandemia da covid-19, ao se referir à verba destinada pela CBF às equipes. Na perspectiva de acontecimento em Foucault,⁴¹ compreendemos esse amadorismo como um efeito que se torna mais visível a partir da emergência sanitária e que vai produzir efeitos outros na condução das crises nos clubes, como evidencia a reportagem.

³⁵ GOELLNER, KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 35.

³⁶ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, p. 26.

³⁷ GOELLNER, KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 35.

³⁸ 100, 80, 30: as efemérides do futebol de mulheres em 2021, *Ludopédio*, 2021.

³⁹ 100, 80, 30, *Ludopédio*, 2021.

⁴⁰ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amadorismo do futebol feminino, *GE*, 14 maio 2020.

⁴¹ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.



Figura 1: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>.

Isso porque, em abril de 2020, a CBF repassou R\$ 3,7 milhões de reais aos 52 clubes que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, sendo, individualmente, R\$ 120 mil reais para os times da Série A1 e R\$ 50 mil reais para os times da Série A2 – no mesmo pacote foram destinados R\$ 200 mil para cada um dos 20 clubes da Série C e R\$ 120 mil para cada um dos 68 clubes da Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino (Figura 2). No entanto, ao distribuir a verba, a CBF não impôs condições para o uso do dinheiro, nem exigiu contrapartida das equipes, apenas informou que o montante equivaleria à média de duas folhas salariais dos/as atletas de cada competição,⁴² abrindo brechas para inúmeros problemas no repasse do dinheiro às jogadoras.



Figura 2: Notícia CBF. Fonte: CBF. Disponível em: <https://shre.ink/9KS6>.

⁴² CBF anuncia medidas de apoio financeiro aos clubes e federações, *CBF*, 6 abr. 2020.

As principais reclamações vieram dos clubes da Série A2 do Campeonato Brasileiro. Das 36 equipes que disputavam a competição em 2020, a reportagem de Canhedo e Oliveira⁴³ menciona oito em que houve irregularidades na destinação da verba. Utilizando as redes sociais, algumas atletas vieram à público reclamar sobre a falta de pagamentos durante a pandemia apesar do repasse da CBF. Outras, optaram por registrar a reclamação no Conselho de Ética da entidade. A maior parte, no entanto, por medo de represálias, acabou ficando em silêncio ou optou por se manifestar de modo anônimo, como afirma a reportagem: “A maioria das atletas não quer se identificar porque teme ser dispensada e, além de não receber pagamento, ter de sair do alojamento do clube”.⁴⁴

Isso porque, além da falta de remuneração, algumas jogadoras foram “mandadas embora” dos seus clubes por “indisciplina”, quando ousaram questionar sobre os usos do dinheiro recebido, como mostram as figuras 3 e 4, as quais evidenciam a situação vivida em um determinado clube.

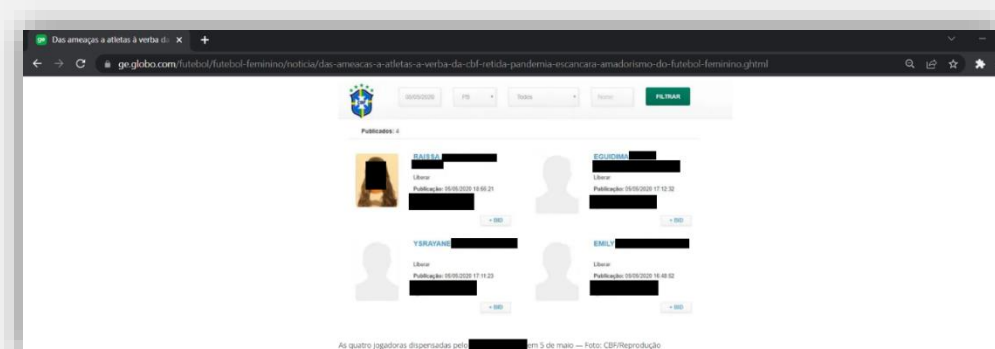


Figura 4: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>.

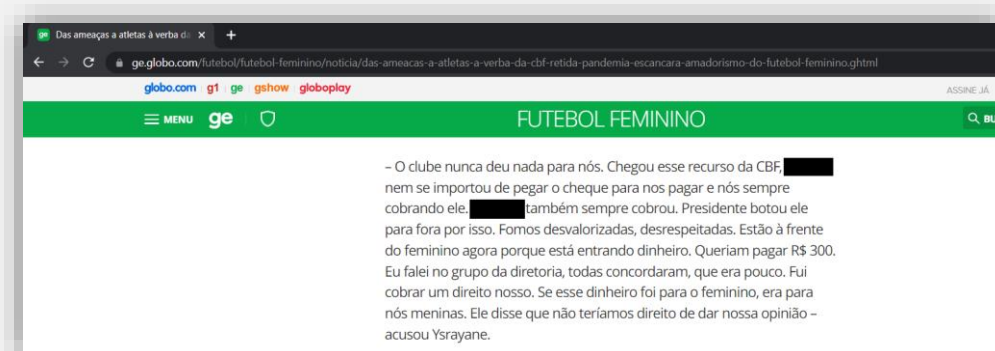


Figura 3: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>.

⁴³ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida, *GE*, 14 maio 2020.

⁴⁴ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida, *GE*, 14 maio 2020.

Sim, mandadas embora e não demitidas oficialmente, pois a maioria das atletas não possui vínculo empregatício com os times, o que evidencia um outro problema na gestão do futebol de mulheres. Desse modo, a falta de profissionalização da modalidade é mais um efeito escancarado pela pandemia, evidenciando as redes de discursos, poderes, estratégias e práticas que constituem este acontecimento e seus efeitos para o futebol de mulheres.⁴⁵

Das oito equipes mencionadas na reportagem de Canhedo e Oliveira,⁴⁶ ao menos quatro afirmaram não possuir contrato profissional com as atletas, ou seja, elas não recebem nenhum tipo de remuneração. Algumas equipes fornecem uma ajuda de custo, principalmente para subsidiar os deslocamentos em dias de jogos. Assim, várias atletas não se dedicam apenas ao futebol, tendo de manter uma rotina em que conciliam outro emprego com a prática esportiva. Outras vivem em alojamentos dos clubes e recebem alimentação, o que permite que elas dediquem mais tempo ao futebol ainda que não possuam contrato de trabalho ou registro em carteira. Tais questões nos fazem pensar, mais uma vez, na tão entoada frase: “Estamos todos/as no mesmo barco”. Embora, como afirma Butler,⁴⁷ o vírus nos trate por igual por estarmos igualmente no risco de adoecer, a desigualdade assegura que o vírus discrimine, não apenas no sentido do adoecimento, mas de condições para enfrentar estas crises sanitária, econômica, social. A falta de profissionalização do futebol de mulheres, sem contrato ou registro em carteira, tendo, ainda, que conciliar o jogar futebol com outro emprego que forneça remuneração e sustento, nos mostra o desamparo das jogadoras brasileiras.

Problemas à vista, também, na elite do futebol de mulheres. Em uma outra reportagem do GE publicada em 25 de maio de 2020, Canhedo e Oliveira⁴⁸ percorrem pelos 16 clubes da Série A1 para acompanhar a situação (Figura 5).

Destes, dois apresentavam problemas mais graves quanto ao desvio da verba repassada pela CBF (Figura 6). Em uma das equipes, a folha salarial estava com dois meses de atraso, apesar dos R\$ 120 mil reais recebidos pelo clube. Houve denúncias,

⁴⁵ REVEL. *Michel Foucault: conceitos essenciais*, p. 13.

⁴⁶ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amadorismo do futebol feminino, *GE*, 14 maio 2020.

⁴⁷ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 60.

⁴⁸ Pandemia afeta elite do futebol feminino, mas maioria dos clubes mantém salários; veja panorama, *GE*, maio 2020.

inclusive, de que algumas atletas estavam enfrentando problemas com alimentação. Em outro clube, uma parte do dinheiro foi destinado à folha de pagamento das atletas que estava em aberto e a outra usada para pagar despesas, como aluguel, Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), energia elétrica, água, mercado, tributos da folha, transportes, etc., ou seja, o uso não ficou restrito ao departamento feminino como se esperava.



Figura 5: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KSP>.



Figura 6: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KSP>.

Ainda na Série A1, de acordo com uma notícia do blog *Dibradoras* publicada em 21 de maio de 2020, aos menos seis equipes haviam cortado salários, dispensado jogadoras ou ainda estavam em débito com elas.⁴⁹ Para a jornalista Renata Mendonça,⁵⁰ sem a devida fiscalização por parte da CBF, o dinheiro não chega a quem se destina, e as jogadoras, que já possuem uma renda reduzida (quando a têm) ficam ainda mais desamparadas em momentos de crise. Uma das questões que está no

⁴⁹ Clubes cortam salários, dispensam jogadoras e querem nova ajuda da CBF, *Dibradoras*, 21 maio 2020.

⁵⁰ CBF não fiscaliza, e jogadoras ficam sem salário mesmo com ajuda aos clubes, *Dibradoras*, 20 abr. 2020.

princípio deste problema é a ausência de um departamento específico para cuidar do futebol de mulheres dentro da CBF, o que faz com que fique ainda mais difícil para as atletas conseguirem respaldo da confederação quando buscam seus direitos.

Isso se evidenciou nas negociações entre clubes, federações e confederações, sobre as medidas a serem tomadas para mitigar os efeitos da pandemia no futebol, como afirma Mendonça.⁵¹ A CBF, como entidade máxima do futebol brasileiro, não se reuniu, em nenhum momento, com os/as representantes das equipes do futebol de mulheres, como fez com o masculino. Optou, apenas, por ouvir individualmente os clubes, para então anunciar o repasse da verba e, com um acompanhamento feito de modo informal, não houve fiscalização para garantir que o dinheiro chegasse às atletas, como planejado. Assim, para Mendonça,⁵² sem que haja um departamento específico não há como assegurar o desenvolvimento da modalidade.

Na mesma esteira, a comentarista Ana Thaís Matos⁵³ em seu blog no site GE, também reivindica uma comissão própria para acompanhar o destino e o desenvolvido do futebol de mulheres brasileiro, com um conselho técnico, ético e financeiro específico para a modalidade e um departamento formado com profissionais que conhecem as especificidades do ramo. Pois, como destaca Matos: “A autonomia que a CBF se orgulha de praticar com os clubes é extremamente nociva ao futebol feminino, afinal, no futebol brasileiro o problema não é só financeiro, é de gestão (como está bem claro com a situação de dezenas de clubes)”.⁵⁴

Diante disso, o anúncio nos últimos anos de nomes como Aline Pellegrino, Ana Lorena Marche e Amauri Nascimento para compor o quadro de gestão do futebol de mulheres da CBF se configura num importante passo para a modalidade. Ainda que não haja um departamento específico para o futebol de mulheres na entidade, a criação de pastas específicas para tratar sobre as seleções femininas e as competições encabeça duas frentes importantes a serem desenvolvidas no país. Embora ambas se relacionem, também requerem tratamentos específicos, já que ter um calendário de competições é de suma importância para clubes e atletas, permitindo maior visibilidade para as jogadoras com vistas à seleção nacional. Com destacados

⁵¹ CBF não fiscaliza [...], *Dibradoras*, 20 abr. 2020.

⁵² CBF não fiscaliza [...], *Dibradoras*, 20 abr. 2020.

⁵³ Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes, *GE*, 11 maio 2020.

⁵⁴ Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes, *GE*, 11 maio 2020.

trabalhos na gestão do futebol, estas profissionais vivenciaram, e ainda vivenciam, as dificuldades e especificidades do futebol de mulheres e, em função disso, geram grandes expectativas para o desenvolvimento da modalidade.



Figura 7: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KmR>.

Todavia, nem tudo são flores. Quando da retomada dos campeonatos, em agosto de 2020, a CBF, mais uma vez, deixou o futebol de mulheres em segundo plano. Uma reportagem de maio de 2020 publicada no GE, menciona as primeiras tratativas para o retorno do futebol, com a possibilidade de o Brasileirão Feminino ser realizado em sede única⁵⁵ (Figura 7).



Figura 8: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9Km1>.

⁵⁵ CBF tenta manter formato do Brasileiro Feminino, mas estuda possibilidade de sede única, GE, 1º maio 2020.

Em junho, uma outra reportagem do site GE anunciava o retorno das competições masculinas para agosto, enquanto as equipes de futebol de mulheres viviam num cenário de indefinição⁵⁶ (Figura 8).

A demora em divulgar uma data para o retorno das competições, assim, dificultou o planejamento de alguns clubes, sobretudo àqueles que tiveram de enfrentar modificações no elenco. Enquanto algumas equipes conseguiram se reforçar, contratando novas atletas com vistas a melhorar a equipe, outras o fizeram no desespero de ter perdido suas jogadoras por não conseguirem sustentar seus departamentos em meio à crise.⁵⁷ Isso evidencia realidades opostas entre os clubes, sobretudo entre àqueles que também disputam a Série A do Campeonato Brasileiro Masculino e os que possuem apenas departamentos de futebol feminino, já que o capital financeiro dos primeiros tende a ser significativamente maior que o dos segundos.



Figura 9: Notícia Jornal de Brasília. Fonte: Jornal de Brasília.
Disponível em: <https://shre.ink/9KJ3>.

Outro efeito da pandemia que se configurou num desafio a ser enfrentado pelas equipes na retomada dos campeonatos, foi a falta de condições financeiras

⁵⁶ Futebol feminino vive indefinição à espera do Brasileiro e Estadual: "ficou em segundo plano", *GE*, 26 jun. 2020.

⁵⁷ Brasileiro feminino de volta! Com reforços e saídas, equipes retomam disputa da Série A1, *GE*, 26 ago. 2020. Brasileiro Feminino volta com reforços e times afetados pela pandemia, *Agência Brasil*, 26 ago. 2020. De time desfeito aos atrasos de salário: Brasileiro Feminino volta com clubes em realidades opostas, *GE*, 23 ago. 2020.

para arcar com os custos dos testes semanais para a covid-19, pois os exames tornaram-se pré-requisito para o retorno da modalidade, com vista a garantir a segurança dos/as profissionais, como destaca a reportagem de Camila Alves e Sabrina Rocha⁵⁸ publicada em 26 de junho de 2020 no site GE. Saúde e segurança pautaram as discussões em torno da volta das competições em todo o país. A matéria de Vitoria Von Bentzen e Lucas Barbosa⁵⁹ para o Jornal de Brasília, em 25 de agosto de 2020, aborda essa questão, como mostra a Figura 9.

Uma das principais polêmicas gira em torno da segurança dos testes para detectar se as pessoas estão contaminadas embora assintomáticas, pois quando do retorno do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, equipes inteiras se contaminaram logo nas primeiras partidas. Além disso, naquele momento o Brasil era o segundo país com maior número de casos confirmados e mortes por covid-19 no mundo, como menciona a reportagem, e, conseqüentemente, com uma alta sobrecarga no sistema de saúde, pondo em dúvida, mais uma vez, a segurança desse retorno.

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Este artigo teve como objetivo analisar e discutir alguns impactos sofridos pelo futebol de mulheres no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, a partir de publicações em sites de notícias, durante o período de suspensão dos campeonatos nacionais. Isso porque, em março de 2020, a CBF suspendeu as competições sob sua coordenação por tempo indeterminado, incluindo o Brasileirão Feminino Séries A1 e A2, como medida de prevenção contra a disseminação da covid-19. Sem previsão de retorno e diante de uma crise sanitária que tomava novos contornos a cada dia, federações, clubes, dirigentes e atletas tiveram de se reinventar para continuar suas atividades.

Compreendendo a pandemia da covid-19 como um acontecimento, no sentido foucaultiano de irrupção de uma singularidade histórica, e tomando-a como condição de possibilidade para a emergência de outros acontecimentos dispersos no tempo, consideramos esta pandemia como produtora de efeitos que reverberam

⁵⁸ Futebol feminino vive indefinição à espera do Brasileiro e Estadual, *GE*, 26 jun. 2020.

⁵⁹ Futebol feminino: retorno do campeonato gera preocupações, *Jornal de Brasília*, 25 ago. 2020.

nas mais diversas esferas da vida, como nos esportes. O futebol, esporte mais popular do Brasil por seu expressivo número de praticantes e aficionados/as, enfrentou uma das maiores paralisações da sua história por causa da pandemia; no caso específico do futebol de mulheres, esta paralisação apenas “perde” para a proibição legal imposta ao futebol praticado por mulheres no período de 1941 a 1979. Cerceamento esse que ainda produz efeitos no emergente futebol de mulheres brasileiro, que a despeito dos anos de invisibilidade, desde 2019 vive um período de ascensão.

A irrupção da pandemia da covid-19 em 2020, no entanto, lançou uma série de questionamentos para a modalidade, uma vez que a crise financeira em decorrência da suspensão dos campeonatos afetou o futebol como um todo. Com uma estrutura ainda em desenvolvimento e amadora em muitos clubes, tal crise tornou os problemas com o futebol de mulheres mais evidentes, como a falta de profissionalização das jogadoras e o amadorismo na gestão da modalidade. Mesmo com o auxílio financeiro disponibilizado pela CBF, muitos clubes não conseguiram equilibrar as contas e, em alguns casos, o dinheiro não chegou como deveria às atletas.

Assim, no que diz respeito aos salários, as diferenças entre os clubes tornaram-se evidentes, sobretudo entre aqueles que possuem equipes de futebol de homens e aqueles que se dedicam apenas ao futebol de mulheres. Em meio à crise vivenciada no futebol, as alternativas foram várias para cumprir com as obrigações financeiras. Corte de salários, demissões, reestruturações e, inclusive, desvio de verba da folha de pagamento das jogadoras para custear outras despesas foram algumas das manobras utilizadas por gestores/as do futebol, nos fazendo refletir sobre o amadorismo ainda persistente na modalidade.

A partir das estratégias da CBF de mitigar a crise financeira, notamos que em nenhum momento o futebol de mulheres foi tratado dentro das especificidades que o caracteriza, uma vez que a entidade máxima do futebol brasileiro optou por não se reunir com os clubes para pensar e projetar ações de apoio. Quando da destinação da verba para socorro das equipes que formam a base da pirâmide do futebol, como enfatizado pela própria CBF, por exemplo, a entidade se reuniu com os/as representantes das equipes das Séries C e D do futebol masculino para discutir o assunto. Por

outro lado, preferiu conversar individualmente com os clubes de futebol de mulheres, privando-os da possibilidade de se procurar soluções conjuntas e específicas para a modalidade.

Sobre o retorno dos campeonatos, mais uma vez elas ficaram à sombra do futebol de homens, quando a entidade informou, num primeiro momento, apenas a retomada do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, gerando um cenário de indefinição sobre os campeonatos disputados pelas mulheres. Compreendemos, assim, que mesmo em meio à maior crise sanitária dos últimos anos que afetou de modo significativo o futebol brasileiro e diante de uma situação em que se espera maior solidariedade entre clubes, federações e confederações para mitigar os efeitos das crises, ainda é possível perceber um trato desigual entre homens e mulheres que (sobre)vivem do futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

ALINE PELLEGRINO APRESENTA reforços para o futebol feminino da CBF. **CBF**, 1º jan. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/sAFGI>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ALINE PELLEGRINO ASSUME a Coordenação das Seleções Brasileiras Femininas. **CBF**, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bCGJM>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ALVES, Camila. CBF tenta manter formato do Brasileiro Feminino, mas estuda possibilidade de sede única. **GE**, Recife, 1º maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/luzLP>. Acesso em: 20 out. 2021.

ALVES, Camila; ROCHA, Sabrina. Futebol feminino vive indefinição à espera do Brasileiro e Estadual: "ficou em segundo plano". **GE**, Recife, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ARX57>. Acesso em: 20 out. 2021.

BARLEM, Cíntia. Tem Copa de novo em 2023! Seleção feminina busca novo patamar a partir de 20 de julho. **GE**, Rio de Janeiro, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/9KG9>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BARLEM, Cíntia; ROSSI, Gabriela. Brasileiro feminino de volta! Com reforços e saídas, equipes retomam disputa da Série A1. **GE**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KG1>. Acesso em: 20 out. 2021.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, P. (Ed.). **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO, 2020, p. 59-65.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANHEDO, Ana et al. De time desfeito aos atrasos de salário: Brasileiro Feminino volta com clubes em realidades opostas. **GE**, Recife, 23 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KGI>. Acesso em: 20 out. 2021.

CANHEDO, Ana; Oliveira, MAURÍCIO. Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amorismo do futebol feminino. **GE**, São Paulo, 14 maio 2020a. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>. Acesso em: 14 out. 2021.

CANHEDO, Ana; Oliveira, MAURÍCIO. Pandemia afeta elite do futebol feminino, mas maioria dos clubes mantém salários; veja panorama. **GE**, São Paulo, maio 2020b. Disponível em: <https://shre.ink/9KSP>. Acesso em: 14 out. 2021.

CBF ANUNCIA medidas de apoio financeiro aos clubes e federações. **CBF**, 06 abr. 2020 Disponível em: <https://shre.ink/9KS6>. Acesso em: 14 out. 2021.

CBF e Grupo Globo anunciam acordo para transmissões do futebol feminino e base masculina. **CBF**, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/9KSV>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CHAVES, Lincoln. Brasileiro Feminino volta com reforços e times afetados pela pandemia. **Agência Brasil**, São Paulo, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KSK>. Acesso em: 20 out. 2021.

COM MAIS de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história. **GE**, Paris, 12 maio 2021. Disponível em: <https://shre.ink/9KSA>. Acesso em: 12 maio 2021.

COPA DO MUNDO FEMININA É destaque do futebol em 2023; veja calendário completo. **CNN Brasil**, 1º jan. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/9KS5>. Acesso em: 03 fev. 2023.

COPA DO MUNDO FEMININA TERÁ 32 seleções a partir de 2023. **Gazeta Esportiva**, 1º ago. 2019. Disponível em: <https://shre.ink/9KSx>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Orgs.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. Disponível em: <https://shre.ink/9KXP>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ELSEY, Brenda. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos": as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **FuLiA/UFMG**, FAL/UFMG, Belo Horizonte. v. 4, n. 1, p. 39-50, 2019.

FERNANDES, Nathália. 100, 80, 30: as efemérides do futebol de mulheres em 2021. **Ludopédio**, São Paulo, v. 142, n. 28, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/9KXV>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FERREIRA, André B.; ROSA, Alexia Viana da.; FARIAS, Alexander S.; VALENTIM, Giovanna Dutra Silva; HERZOG, Lucas Bertola. Boletim nº 10: direitos na pandemia – mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil. **CEPEDISA/Conectas Direitos Humanos**, São Paulo, nº 10, p. 3-57, jan. 2021. Disponível em: <https://cepedisa.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios. In: MARTINS, MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. *E-book*.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

MATOS, Ana Thaís. Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes. **GE**, Rio de Janeiro: 11 maio 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KXM>. Acesso em: 18 out. 2021.

MENDONÇA, Renata. CBF não fiscaliza, e jogadoras ficam sem salário mesmo com ajuda aos clubes. **Dibradoras**, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KXB>. Acesso em: 18 out. 2021.

MENDONÇA, Renata; LISBOA, Juliana. Clubes cortam salários, dispensam jogadoras e querem nova ajuda da CBF. **Dibradoras**, 21 maio 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9Kf2>. Acesso em: 18 out. 2021.

QUANDO A BOLA parou de rolar: Museu do Futebol elenca principais interrupções de campeonatos. **Gazeta Esportiva**. São Paulo: 26 mar. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9Kfi>. Acesso em: 11 out. 2021.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SAFATLE, Vladimir. Bem-vindo ao Estado suicidário. **N1-Edições**, Texto 004 - Pandemia Crítica. Disponível em: <https://www.n1edicoes.org/textos/23>. 2020. Acesso em: 21 out. 2022.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer**, v. 6, n. 11. p. 275-293, 2021.

SANTOS, Boaventura de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

VON BENTZEEN, Vitoria; Barbosa, Lucas. Futebol feminino: retorno do campeonato gera preocupações. **Jornal de Brasília**, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9Kfa>. Acesso em: 20 out. 2021.

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 04 jul. 2023.